



Ano III — N. 3
(Abr — 61)

Coordenador: Maj AMERINO RAPOSO FILHO

SUMÁRIO

I — BASES FILOSÓFICAS

DIA DO AVIADOR

Maj Amerino Raposo Filho.

II — GUERRA REVOLUCIONARIA

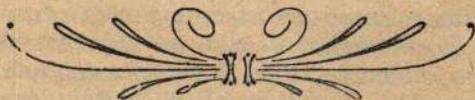
OPERAÇÕES ESPECIAIS

Ten Thaumaturgo Sotero Vaz.

III — ORGANIZAÇÃO

COMO DEVERIAM SER NOSSAS GRANDES UNIDADES ?

Maj Alexandre M. Amêndola.



TEORIA DE GUERRA

Teoria de Guerra é o trabalho científico que se destina a determinar os princípios intrínsecos, extrínsecos e de ação do fenômeno por excelência social, que é a Guerra.

A teoria da guerra representa a parte superior, subjetiva da guerra.

DOCTRINA DE GUERRA

Doutrina de Guerra representa um primeiro estágio na Teoria de Guerra, para determinado país e numa determinada situação. A dependência da doutrina a elementos concretos, mostra-nos desde logo, que ela não pode ser nem imutável, nem geral, sendo então, somente aplicável àquele país e numa determinada época.

Sendo a Guerra um fenômeno social, cada agrupamento humano imprimirá suas características próprias e peculiares à aplicação das Leis e dos Princípios de Guerra, surgindo assim, não uma nova Teoria, mas algo dela derivado, que se convencionou denominar Doutrina de Guerra.

REGULAMENTO

Ao executante não interessa o domínio das concepções subjetivas, como acontece em alto grau na Teoria de Guerra e, em menor escala, na Doutrina de Guerra, porém, algo concreto, que lhe sirva de guia na realidade do campo de batalha, isto é, o Regulamento.

Então, é o Regulamento o repositório de normas e procedimentos para os executantes. Traduz o pensamento doutrinário, o modo operatório em situações diversas. Constitui um todo harmônico e homogêneo.

I — BASES FILOSÓFICAS

DIA DO AVIADOR

(Palestra proferida na ECEME, a 21-X-1960)

Major AMERINO RAPOSO FILHO

SUMÁRIO

- 1 — INTRODUÇÃO
- 2 — JÚBILO NACIONAL
- 3 — FÔRÇAS ARMADAS E FAB
- 4 — CONCLUSÃO FINAL

1 — As comemorações que em todo o território nacional nesta semana se promovem, de exaltação dos feitos e da trajetória luminosa de lutas, de sacrifícios e de glórias da FAB, extravasam, Sr., os limites da própria Instituição que, com tanta ufania exhibe a figura de ALBERTO SANTOS DUMONT, seu ínclito Patrono e Oficial-General mais antigo, cujo natalício a 19 transcorreu. Transbordam — distintos representantes da Aeronáutica — transbordam a intimidade de vossa Arma, tão nova e plena de magníficos exemplos, de bravura, de estoicismo, sobretudo de desprendimento e contribuição decisiva à consecução de autênticos objetivos nacionais, naquilo que êles representam de mais expressivo em face da Conjuntura Brasileira e da Estratégia de Segurança Nacional.

2 — Na verdade, o Dia do Aviador, não sugere a lembrança de fastos auspiciosos e de transcendental importância, apenas aos camaradas da Força Aérea, no alinhamento das efemérides de elevado sentido cívico-militar. Pois, antes de assim o ser, configura-se em dia de júbilo nacional e acontecimento de relêvo destacado aos anais das Forças, Terrestre e Naval.

E vejamos por que:

O que temos realizado e desenvolvido no setor da atividade aeronáutica, relativamente ao advento e ao domínio da navegação aérea, são páginas de glorificação para a Nação. O Brasil foi pioneiro nesse campo, sabemos-lo todos e o mundo inteiro reconhece e consagra, sem sombra de dúvida. E essa contribuição, remonta ao período colonial, vale dizer, aos primórdios quase da Formação Brasileira. Porventura, não se enumeram, em sucessivas demonstrações de esplendente fulgor:

- Bartolomeu de Gusmão, o "inventor do aerostato de ar quente";
- Augusto de Severo, apresentando o dirigível semidirigido;

— e Santos Dumont, finalmente, solucionando em definitivo, os intrincados problemas do dirigível e do avião?

Bartolomeu de Gusmão, admirável figura de padre, teve oportunidade de expor suas idéias ao Rei D. João V, de Portugal, em 1709, declarando a certa altura da carta:

“Inventei uma máquina por meio da qual se pode viajar no ar muito mais rapidamente que em terra ou no mar. Poder-se-á também percorrer mais de 200 léguas por dia, transportando mensagens para os Exércitos e regiões as mais afastadas. Libertar-se-ão das praças sitiadas as pessoas desejadas, sem que o inimigo possa impedi-lo. Graças a esta máquina, descobrir-se-ão as regiões mais próximas do pólo.”

E foi assim que, no período de “3 a 8 de agosto de 1709, realizou dentro da praça de Lisboa experiência com pequeno globo de papel dentro do qual havia um foco ígneo. Na primeira vez — assinala Taunay — teve fragoroso fiasco, incendiou-se o balão; na segunda, alcançou notável triunfo. Elevou-se aos ares o aparelho, à altura de uns 4 metros”. Desta forma, construiu-se o primeiro balão esférico e livre de que temos notícia, para operar como “aquêlê tapête mágico de Goethe, o precioso manto de Mefistófeles”. E se desfazia a “utopia de vôo do homem à maneira das aves”.

Quase dois séculos depois, seria Augusto de Severo que intentava o dirigível semi-rígido, apresentando outro aparelho em 1893, denominado “Bartolomeu de Gusmão”, logo seguido de um modelo aperfeiçoado, forma alongada e rígida, isto é, com armação resistente e capaz de alcançar grande velocidade, experimentado em Paris, no ano de 1901. Infelizmente, um ano após quando voava no “Pax” em magnífica demonstração de confiança e perícia a 44 m por sobre Paris, “desaparece trágicamente, consequência de violenta explosão, quem se destacara pelo ardor com que pugnou pela navegação aérea por meio de dirigíveis”.

A luta pelo domínio do ar, faz no Brasil seu primeiro mártir, que teve “terrível morte, emocionando profundamente a população parisiense e o povo brasileiro”. Era a “primeira vítima da Aeronáutica do Brasil, caminhando na frente dessa procissão de bravos sacrificados, erguendo o estandarte da FAé”. Morria desta forma, aquêlê que “acreditava que o balão dirigível aperfeiçoado sob forma de um navio aéreo, seria um instrumento para cortar a guerra entre as nações, tal seu poder de destruição”. “Um pacífico inimigo da guerra”, como êle mesmo diria, invocando o belo verso de Rostand.

Finalmente, enfeixando a trindade de heróis-símbolos, isola-se a figura inconfundível de Alberto Santos Dumont solucionando de maneira definitiva e prática o problema do dirigível e do avião. Das inúmeras proezas e lutas dêsse patriota extraordinário, que tantos louros colheu para o Brasil e a humanidade, tendes perfeito conhecimento. Os acidentes e os fracassos, ao contrário de arrefecer o entusiasmo, fascinam-lhe o perigo.

Dos sonhos que acalentava, é êle próprio quem nos dá conta. Leia-mo-lo:

“As primeiras lições que recebi de aeronáutica, foram-me dadas pelo nosso grande visionário: Júlio Verne. De 1888 a 1891, quando parti pela primeira vez para a Europa, li com grande interesse todos os livros dêsse grande vidente da locomoção aérea e submarina. Algumas vêzes, no verdor dos meus anos, acreditei na possibilidade de realização do que contava o fértil e genial romancista; todavia, momentos após, despertava-se em mim um espírito prático a ver o pêso absurdo do motor a vapor, o mais poderoso e leve que eu tinha visto.”

Destarte, procura resolver os problemas da aerodinâmica a enfrentar com seus balões, por métodos empíricos sem o apoio da técnica moderna, que hoje “reproduz em laboratório terrestre tôdas as condições que se encontram no ar”. Donde a sucessão impressionante de modelos que surgem logo depois do “Brasil”, em 1898, e “Música”, e batizados em 1899 por “Santos Dumont” ns. 1, 2 e 3. Prosseguindo a série em 1903, a culminar no famoso 14-Bis em 1906, primeiro aparelho mais pesado que o ar. É, então, com o 14-Bis que Santos Dumont se liberta, de certa forma, do balão, convencido que estava “de ter o motor de explosão atingido um ponto satisfatório na relação entre o pêso e a força desenvolvida”, resultado, sem dúvida, de 3 longos anos de pesquisas e esforços incessantes, e é êle mesmo quem assinala:

“Abandonei meus balões e meu hangar no parque do aeroclube. Em completo silêncio, trabalhei 3 anos até que em fins de julho, após uma assembléa do aeroclube convidei meus amigos a assistirem minhas experiências no dia seguinte. Foi um espanto geral. Todo mundo queria saber como era o aparelho.”

O trabalho de Santos Dumont se completa em 1907 com o aparelho mais pesado que o ar, e sem cauda, chamado “Demoiselle”.

Uma vez mais, “o Brasil inscrevia seu nome na história da conquista do ar; primeiramente com o balão de Bartolomeu de Gusmão em 1709; depois em 1901 com o dirigível n. 6 de Santos Dumont, logo seguido em 1903 pelo de Augusto Severo. Para culminar em 1906 com o 14-Bis, ficando solucionado o problema do mais pesado que o ar”.

3 — E a gratidão do Exército à Fôrça que caracterizou a terceira dimensão na Arte da Guerra, até onde recua no tempo? Mergulhemos no passado e vamos encontrar aquêles dois balões empregados na Guerra do Paraguai, em reconhecimento do Chaco e das fortificações de Humaitá no TO. Assinala, a propósito, um estudioso: “dois anos após a vitória de Riachuelo, precisamente em 1867, destacam-se a sabedoria e a clarividência de Caxias quando, desejoso de arrancar suas fôrças dos paludes insalubres de Tuiuti e, por fazê-lo em segurança e informado, fêz subir pela primeira vez nos céus sul-americanos no dia 24 de junho de 1867, um balão de observação para reconhecer a posição paraguaia do Sauce e ao do N do Estero Rojas”.

Em seguida às vitoriosas e consagradoras experiências de Santos Dumont, por iniciativa do Marechal Hermes da Fonseca, Ministro da Guerra, envia-se em 1908 à França, um Tenente de Cavalaria a instruir-se no manejo do aerostato do tipo usado pelo Exército e trazer alguns para nossas Forças Terrestres, criando-se em 1913 um Parque de Aerostatos e, pouco depois, a Escola Brasileira de Aviação visando a instruir civis e oficiais do Exército e da Marinha.

O conflito de 14/18, fêz largo emprêgo do avião, configurando a "guerra espacial" em contraposição à "de superfície" e possibilitando que os aviões penetrassem profundamente no território adversário, qual prolongamento da Artilharia. Como é natural, necessariamente provocou reflexos em nosso País, que se decide afinal pela criação de sua Aviação oficial em 1919 no Campo dos Afonsos, com o Curso de Aviação evoluindo no mesmo ano para Escola de Aviação Militar.

Mas aí não se detêm as glórias iniciais da FAB. Bastaria, no entanto, citássemos dois acontecimentos de extraordinário relêvo à Arma de Santos Dumont, antes e depois da criação do Ministério da Aeronáutica, a 20-I-941, ocasião em que a Escola de Aviação Militar transformou-se em Escola de Aeronáutica dos Afonsos. Queremos referir-nos à instituição do CAN, em 1931, sonho do então Tenente-Coronel Eduardo Gomes, que o apoio do Ministro da Guerra, General Leite de Castro, fêz realidade, se constituindo numa das "Demonstrações mais eloqüentes — já se disse — da capacidade de planejamento e realização da presente geração". E lembrar, por outro lado, que já nesta Casa e aqui na Praia Vermelha nascia a EEM Aer, embrião do que hoje é a ECEM Aer e deslocada para o Galeão.

A FAB, nascida no seio do Exército e da Marinha, cresceu e hoje se alinha com as irmãs mais velhas que lhes deram asas; tão grandes, que ela pôde voar de seu ninho e pairar sobranceira, com altaneria e determinação, no propósito alevantado de cooperar decisivamente no soerguimento e na defesa de nossa Pátria. Conquistando os céus do Brasil para ampliar a rêde de transportes; cooperando no desenvolvimento nacional e reforçando os laços de união entre os brasileiros, parte que é do Poder Militar e do Poder Nacional.

E assim tem sido na Paz e na Guerra, sendo nesta última extraordinária e heróica a contribuição que prestou à defesa do Brasil e à causa do mundo livre. Os intermináveis e exaustivos vôos de patrulha e de escolta ao longo do imenso litoral e pelo Atlântico Sul, ombream-se com as páginas de bravura e estoicismo vividas na Itália pelo 1º Grupo de Caça e pela Esquadilha de Ligação e Observação. E calma fixar, por oportuno, o que se contém em uma citação de alto Chefe Militar norte-americano:

"Num mínimo de tempo, se tornaram parte vital da guerra contra os alemães na Itália e a eficiência do seu trabalho magnífico e constante

atingiu ao auge a 22 de abril de 1945. Embora mais da décima parte do material aéreo se tivesse perdido ou danificado no correr do dia, os destemidos pilotos — alguns dos quais chegaram a voar três missões — constantemente voltaram a martelar o inimigo que se destroçava...

Portanto, é com justo orgulho de soldados e de brasileiros, que contemplamos o extraordinário desenvolvimento da FAB. Tanto mais, quanto maior deve ser a unidade de vistas e de propósitos das Forças Armadas, que se irmanam e se interpenetram pelo sentido histórico de sua evolução, emoldurando exuberante lição de perfeita consonância e vibração, que fazem “a glória de um Povo e a soberania de uma Nação”.

4. Conclusão final:

Senhores: Quando vive o Mundo a extraordinária influência da Ciência e da Técnica a serviço da Paz e da Guerra, numa deformação, melhor diríamos desfiguração do simbolismo daquela Pomba, que adverte ser o vôo limitado pelas possibilidades de suas asas. Quando as gerações do pós-guerra assistem estarecidas, terrificadas, ao espantoso duelo que travam as superpotências visando sobretudo ao controle do Espaço, já não apenas de nosso Planeta, mas ousando e invadindo a outras áreas do Universo, definindo os contornos e o acabamento de uma Astronáutica praticamente vencida — não há como fugir à admiração cada vez maior por esse Homem extraordinário que foi Santos Dumont! Autêntico gênio! Não que êle desejasse o campo competitivo e o aproveitamento do avião — e agora dos mísseis — como arma de guerra, que pensava exatamente de maneira oposta e seu espírito profundamente humano e universalista a isso se opunha. Aponho de entender devessem os povos da América formar uma grande Comunidade Continental, insistindo mesmo na Conferência que fez em Washington, durante o Congresso Científico de dezembro de 1915, pelo melhor “entendimento e aproximação entre as nações americanas, sempre prêsas a tantos ideais em comum”. Promovendo máximo intercâmbio no setor técnico-científico, a fim de estimular o progresso e o bem-estar dos povos.

Glorifiquemos, portanto, a Bartolomeu de Gusmão, a Augusto Severo e a Alberto Santos Dumont, e a tantos outros heróis que “pela sua fé, pela sua coragem e pelo seu entusiasmo e dedicação sem limites à causa da Aeronáutica, desbravaram um caminho incerto e cheio de perigos e projetaram por inteiro o Brasil entre os países predestinados às realizações do espaço”.

Eis o sentido da homenagem que a ECEME pretendeu significar aos homens de Santos Dumont, que também foram nossos, do Exército de Caxias e da Marinha de Tamandaré até a sua completa emancipação, com as Asas que o Brasil lhes deu e as Forças Armadas coirmãs prepararam, para o vôo ascensional e vitorioso de sua predestinação histórica.

Segui, pois, valorosos Soldado do Ar, para a frente e para o alto, lembrados sempre da magistral advertência que se contém de Goethe focalizada no vôo de Euphorion por sôbre o mar Egeu e recolhida no 2º Fausto, isto é, o sábio conselho Dédalo a seu filho Ícaro, ao dar-lhe as asas feitas de penas de aves, que seriam prêsas com cêra aos braços e recurvados levemente para que imitassem as das aves.

"Ícaro, não esqueças de te manteres a meia altura para que as águas do mar não molhem as penas de tuas asas, nem o calor do sol derreta a cêra que as prende ao teu corpo."

Alegoria de fundo extraordinariamente moral, judiciosa "advertência no sentido de que o homem que sobe não se abaixe em contato com as fraquezas terrenas, nem se deixe deslumbrar pelos triunfos das alturas."

Eis, finalmente, Sr., o simbolismo da vida de Santos Dumont e a glória máxima dos Soldados do Ar, que, hoje, preocupados com os problemas da Defesa Nacional, se lançam ao espaço infinito, cada vez se aproximando mais do Cruzeiro do Sul para, ao invés de se derreterem, inflamarem-se do idealismo cristão e escaldante e verdadeiramente condicente com as Aspirações Nacionais.

DOUTRINA PARA TO SUL-AMERICANO

"Trata-se essencialmente de:

- respeitar a Doutrina, a parte permanente (ou menos variável) da experiência da Guerra;
- utilizar os Processos, tanto na Organização, como na Tática, como na Estratégia, escolhendo e adaptando os mais adequados às circunstâncias particulares ao meio e às modalidades da Guerra em cada Teatro de Operações, encarando quer o caso de se dispor de aparelhamento completo, quer também o de possuírem recursos deficientes e muito aquém das necessidades. É preciso, repito, encarar a Guerra do rico, dos meios poderosos, mas não abandonar a eventualidade da Guerra com recursos reduzidos.

Não se trata de copiar servilmente nenhum regulamento, nenhuma organização, mas de adaptar com inteligência.

Não se trata de aceitar cegamente opiniões alheias, mas de analisá-las, compreendê-las para aplicá-las com critério pessoal.

Adaptação inteligente, flexibilidade de espírito na aplicação dos processos de guerra. Eis a pedra de toque de nossos estudos, das nossas concepções e das nossas realizações. Como vimos, a diversidade dos TO eventuais e a situação ocasional dos meios de guerra, impõem soluções várias para cada caso, as quais, por sua vez, terão que se modificar à medida dos progressos do país e do aumento de possibilidades das organizações armadas."

Ten-Cel T. A. ARARIPE

(Trecho dum trabalho sôbre Doutrina na América do Sul)

II — GUERRA REVOLUCIONÁRIA

OPERAÇÕES ESPECIAIS

Ten THAUMATURGO SOTERO VAZ

NOTA DO REDATOR

Lamentando o pequeno atraso na publicação do interessante trabalho do Ten Sotero Vaz — decorrência de destinação errada aqui na redação de "A Defesa Nacional", razão pela qual nos penitenciamos junto ao distinto camarada — apresentamos aos leitores de Doutrina Militar Brasileira, verdadeira síntese do que seja o Curso de Operações Especiais desenvolvido no Nú D Aét. E quem o faz é um entusiasta do pára-quedismo no Brasil, excelentemente credenciado para tecer considerações, não apenas sobre o que representa o Curso, mas ressaltando por outro lado a necessidade de sua oficialização tendo em vista as necessidades da Guerra Moderna.

Aguardamos, do Ten Sotero Vaz, e de outros camaradas pára-quedistas, outros artigos ligados às guerrilhas e às operações especiais.

Maj A. Raposo Filho

Nossa história começa há alguns anos atrás, quando a Diretoria de Rotas da FAB-e o nosso Nú D Aét realizaram entendimentos para que fôsse criado na Divisão um Curso com o nome de Busca e Salvamento, que ficaria em condições de trabalhar em conjunto com o SAR, também da FAB.

Nesta ocasião tinha sido planejado e montado um curso com somente aquelas características, tendo isto, sido uma consequência do acidente havido com o avião comercial Presidente. O tempo foi passando e nada foi realizado, até que a volta do Maj Gilberto de Azevedo dos Estados Unidos, onde tinha ido realizar cursos de atualização, deu novo impulso e finalidade ao curso.

Em 1957, foi montado e realizado o 1º Curso de Operações Especiais.

Trouxe o Maj Gilberto, novas idéias empregadas pelo U S Army, no qual, já havia tropas especialmente treinadas e organizadas para emprêgo em uma modalidade de guerra que teve espantoso incremento durante a II Grande Guerra.

Desde lá o curso já formou uma turma e no momento prepara mais outra, no entanto em muito pouco tem sido analisadas e estudadas as possibilidades e limitações da tropa treinada para a realização de Operações Especiais, no âmbito do Exército Brasileiro. Outrossim outros já as possuem em grandes efetivos operacionais. É dentro do conceito da guerra moderna um dos processos mais econômicos de combate.

A principal finalidade e que norteia grande parte de nossas atividades, ao contrário do que pensam muitos, é a da formação e instrução de unidades de guerrilheiros, visando à salvaguarda de nossa imensa extensão territorial.

Não queremos dizer com isto que dependa de nós a eficiência do Exército, mas somente, acrescentamos que um homem da tropa de Operações Especiais está capacitado a sozinho preparar cerca de 200 guerrilheiros. Todos os estudiosos de temas da guerra irregular conhecem a necessidade de segurança nas instalações vitais de suprimentos e comunicações da retaguarda quando há ação de guerrilheiros. Sabemos portanto que para cada guerrilheiro agindo, teremos dez elementos mobilizados. Em Cuba o Primeiro Ministro Fidel Castro, com uma força avulsa no máximo em 6.200 homes e certo apoio do povo cubano conseguiu derrotar as tropas de Batista.

Na 2ª Grande Guerra o exército alemão empregou 300.000 soldados em áreas da retaguarda combatendo guerrilheiros. Este número equivale a 15 divisões alemãs, e naquela época todo soldado fazia falta na frente. No conflito coreano as Nações Unidas tiveram que empregar 4 de suas 10 divisões contra guerrilheiros. Na Grécia, para vencer 30.000 guerrilheiros, foram empregados 200.000 homens do exército local.

É verdade, que o Brasil caracteriza-se por ser um país pacifista. Podemos assegurar que em caso de guerra, nos moldes da atual, seremos respeitados em nossos princípios?

A lógica nos diz sempre que todo risco deve ser calculado e que é bem melhor prevenir que remediar.

E no caso de emprêgo de engenhos nucleares? Pois bem, passaremos a transcrever um trecho do número de fevereiro de 1960 da MILITARY REVIEW.

"As operações de guerra irregular e de guerra eletrônica são combinadas e coordenadas com as ações ofensivas contra o poder de fogo, a fim de neutralizar as defesas aéreas inimigas, a artilharia de campanha, mísseis dirigidos e a força aérea, antes da execução da operação. Há para isto uma larga variedade de meios e técnicas, dos mais simples aos ultra-complexos. Alguns exemplos. corte de cabo de energia e de comunicações, sabotagem de usinas geradoras ou ataque às mesmas, danificação de an-

tenas, destruição de combustíveis, contaminação radiológica residual de posições de lançamento, interferência eletrônica com o radar e outros instrumentos de alerta do inimigo.

Turmas das forças especiais e guerrilheiros, participarão, dêsse modo, da operação de sistemas de mísseis altamente complexos e de aparelhos para ações eletrônicas. (Pág. 39, Assalto Aeroterrestre na Batalha Nuclear — Quando e Como).

Já há hoje em dia a idéia que pequenos grupos de homens resolutos, ardilosos, bem instruídos, possuidores de moral elevado e armados de tremendo poder de destruição podem ser a chave do sucesso no campo de batalha do futuro.

Falaremos de futuro, porque na última guerra temos inúmeros exemplos de tropas que foram treinadas para a realização de tais operações e que obtiveram êxito absoluto, como a operação do Gran Sasso e com êxito parcial a operação Greif (Fôrça-tarefa especial "alemã" que infiltrou-se atrás das linhas aliadas para tentar matar os chefes do I Exército Americano, sem falar no próprio exército brasileiro que no TO da Itália, inspirado no golpe de mão deferido por um pelotão de choque do 29^o 1045^o alemão, contra a 7^a Cia do 3^o/6^o RI.

Deu-se o fato no 1^o/11^o RI o qual organizou idêntica unidade, cujo comando atribuiu ao 2^o Sgt Max Wolff Filho. (Extraído do livro "O Brasil na II G G do Ten-Cel Manoel Thomaz Castello Branco).

Os elementos de Operações Especiais são selecionados dentre pára-quedistas experimentados, e submetidos a rigorosos exames físico, intelectual e psicotécnico. Suas atividades são as mais diferentes, pois um homem além de ter sua função por especialidade dentro da equipe, está em perfeitas condições de desempenhar a função de qualquer dos outros. A tropa é formada por equipes comandadas por Capitão.

O homem de Operações Especiais está em condições de trabalhar em baixo d'água, em qualquer tipo de terreno (montanha, selva, pântano, deserto), utilizar qualquer tipo de veículo sôbre trilho, roda, lagarta ou água, exceto avião.

Tem as especialidades de emprêgo e adestramento de cães de guerra, guia de montanha pesada, mergulhador até a profundidade de 20 metros básico de sabotagem e outras.

Os elementos de Operações Especiais devem conhecer-se mutuamente, sem reservas, não só as suas virtudes bem como os seus defeitos. Isto lhes traz um ambiente de inteira confiança, respeito e consideração uns pelos outros. Um sabe perfeitamente o que pode esperar do outro, e o entendimento é tão grande que o fazem às vezes só pelo olhar. Alguns que não os conhecem bem, comentam desabonadoramente seu modo de vida. Vivem como companheiros leais, irmanados na luta por um só ideal com tôdas as forças.

Jamais houve sequer uma desconsideração ou mínimo sinal de desrespeito de um subordinado por um superior.

O Curso atualmente ministrado consta de três fases distintas, sendo a 1ª de Seleção e avaliação de conhecimentos básicos militares; a 2ª fase abrange instrução especializada e em diversos tipos de terrenos; a 3ª fase consta de um período de aplicação e na qual são realizados grande parte de exercícios práticos.

Atualmente luta o curso para que seja devidamente reconhecido pelo EME, e perfeitamente regularizada sua situação. A propósito, o Centro de Instrução Especializada Aeroterrestre apresentou o currículo dêste curso ao Comando do Nu D Aét.

Achamos que é nossa obrigação lançarmos esta nova idéia no seio do Exército e temos certeza que justificará porque, a tropa de Operações Especiais é uma arma de grandes possibilidades e relativamente barata, adaptável às guerras clássica e nuclear. Seu emprêgo simultâneo no início de operações deve ser planejado desde já.

A "novidade" à intolerância do curso consiste no seu esforço para ter os seus homens prontos para emprêgo em:

Qualquer coisa!

Qualquer lugar!

Qualquer hora!

Qualquer maneira!

Os conceitos emitidos nos artigos assinados em a SEÇÃO DE DOCTRINA MILITAR, são da exclusiva responsabilidade dos autores, não traduzindo, portanto, orientação da Diretoria da Revista.

Os originais publicados poderão ser transcritos, salvo quando sejam expressamente reservados os respectivos direitos. As transcrições deverão consignar a fonte e o autor.

A correspondência para SEÇÃO DE DOCTRINA MILITAR deverá ser endereçada a:

Maj Amerino Raposo Filho

"A Defesa Nacional"

Ministério da Guerra — Rio de Janeiro — Brasil.

III — ORGANIZAÇÃO

COMO DEVERIAM SER NOSSAS GRANDES UNIDADES

Major ALEXANDRE M. AMENDOLA

NOTA DO REDATOR

Temos a grata satisfação de submeter à meditação dos camaradas, mais um excelente trabalho da lavra do Major Alexandre Amêndola relativamente à Organização de nossas Forças Terrestres. Anàlogamente ao procedimento que tivemos quanto ao tema anterior, nada diremos sôbre o desenvolvimento do presente estudo, dada a maneira essencialmente sintética e objetiva com que o assunto é tratado.

Que nossos leitores meditem sôbre as idéias aí contidas e recolham os ensinamentos apontados, são os votos que formulamos. São idéias sérias, altamente interessantes do ponto de vista das Forças Terrestres e sua adequação aos fins operacionais e a sugerir profunda meditação de todos os profissionais.

E, agora, para completar transcrevemos a carta que o Major Amêndola nos enviou, de Santa Maria, e datada de 10 de fevereiro do corrente ano:

“Prezado Raposo:

Saúde.

Encorajado pela publicação do artigo que perpetrei, e que veio precedido de um esplêndido comentário sob tua chancela; encorajado pelas diversas referências que tenho recebido por trabalho tão modesto e desataviado; encorajado, finalmente, pelas congratulações, pedidos de esclarecimentos, discussões e polémicas em tórno de uma simples exposição de pensamentos, feita sem grandes pretensões, decidi-me a enviar-te um outro subsídio.

Atenção:

O movimento causado pelo escrito anterior não se deve, decididamente, à beleza da literatura empregada: nota bem que a “idéia” é que foi bem recebida, parecendo traduzir um anseio. Isso é importante: indica que há muita gente pensando no assunto.

Agora, o que envio é a resultante de um somatório de pensamentos de muitos companheiros: temí mais de compi-

lação que de originalidade. Portanto, constitui um sintoma mais sério que o anterior.

Talvez não o aproves para publicação, mas sempre servirá para as tuas elucubrações pessoais. Em última análise, tens bastante acuidade para perceber o valor do "sintoma"...

Tudo o que diga para agradecer às referências elogiosas que fizeste, em teu introito publicado, será pouco. Continuo, assim, unicamente, acompanhando a evolução do "sonho" que, aos poucos, vai ganhando corpo, sob a batuta do teu ideal, que, por seu brilho, constitui motivo de admiração do

Alexandre."

Muito grato, Amêndola, e continuamos aguardando outros trabalhos teus relativamente ao Problema Militar Brasileiro.

Maj. A. Raposo Filho

É esta uma pergunta ouvida atualmente em todo o nosso Exército, corporificando um anseio iniludível.

Sim: como deveríamos fazer evoluir a nossa organização, no sentido de torná-la mais eficiente? Por que caminhos devemos conduzi-la, em seu progresso?

Diligentemente os Estados-Maiores rebuscam, pelos escaninhos do cérebro e das bibliotecas, a solução. Angustiadamente a Tropa cogita nas formas e composições que lhe poderiam proporcionar maior alívio, maior número de recursos, maior conforto, mobilidade e proficiência. Através todos os postos e graduações, a renitente interrogação se repete, em tortura incessante, esbarrando nas restrições mais diversas, das quais a mais insistente e taxativa é a de falta de varbas capazes de cobrir as necessidades que todos percebem.

Do trabalho dos Estados-Maiores, dos anseios da Tropa, da conversa informal entre camaradas, do debate apaixonado nas salas de aula, dos apartes nas conferências, das discussões (às vêzes, acres) entre argumentadores, das elucubrações dos pensadoras ... havia de brotar uma resposta.

Nós já a temos: resta colocá-la em execução.

Nos pontos principais desta resposta, estão acordes, pelo menos, sessenta ou setenta companheiros com que conversamos. Anotados esses pontos, apresento-os, agora, para o julgamento dos leitores da "A Defesa Nacional":

COMO DEVERIAM SER AS NOSSAS GRANDES UNIDADES ?

DEVERIAM:

— Constituir um conjunto de obtenção passível dentro de um "quantum" semelhante ao atualmente despendido com o Ministério da Guerra, mas proporcionando um emprêgo mais eficiente desse "quantum".

— Ser compostas por **novos tipos de Unidades**, moldadas nos padrões aconselhados pela experiência internacional, porém compatível com as nossas possibilidades:

- em Quadros;
- em equipamentos e armamentos;
- em recursos industriais;
- em recursos financeiros.

— **Possuir Unidades menores**, comparativamente às atuais; possuir, pelo menos em embrião, **todos os tipos** de elementos de reconhecimento, de combate, de apoio e de serviço admitidos na composição das modernas Divisões — para isso, não suprimir a existência de Unidades, mas alterar a Ordem de Batalha atual, por forma a dar-lhe outros encargos operacionais, sem prejudicar as nossas missões de tempo de paz. Possuir, portanto, Unidades pequenas, fáceis de gerir e comandar, e condizentes com os nossos processos de guerra, as possibilidades brasileiras e as condições dos nossos Teatros.

— Possuir **Quadros completos** (mediante o aproveitamento do efetivo atual em Oficiais e Sargentos), e capazes de possibilitar a formação de reservas de escol, ou de intervir instantaneamente em caso de guerra, conduzindo suas Unidades ao combate, enquanto se mobilizam outras Unidades, também pequenas, mas completas e eficientes, para o segundo escalão de forças. Que fôsem capazes, assim, de absorver os Quadros existentes de modo cabal, distribuindo-os equitativamente por todo o território Nacional.

— Poder ser **contidas nos quartelamentos existentes**, ou, pelo menos, em sua maioria, levando, apenas, as adaptações simples nos restantes.

— Conter Unidades pequenas, **capazes de absorver o armamento disponível**, em uma distribuição mais conforme com as nossas contingências; utilizar armamento novo produzido no País.

— Ser integradas por material **simples** (para plena utilização pelo nosso homem), **de baixo preço** (para admitir relativa quantidade) e **de peso reduzido** (para deslocamento fácil sobre as nossas estradas ou por via aérea).

— Compor-se de Unidades **motorizadas ao máximo**, provocando a real recuperação das viaturas existentes e a fabricação de novos veículos no País, cooperando, assim, com a nascente indústria de automótores, e possibilitando a um pequeno Exército, uma tão grande mobilidade, que permita sua rápida concentração em qualquer trecho de nossas fronteiras vivas. De Unidades capazes de deslocar-se de um ponto a outro do País, embora distantes de alguns milhares de quilômetros, **com naturalidade**, para concretizar ações ou reforços requeridos, em curto prazo.

— Admitir a formação de um conjunto de forças de alta velocidade de emprêgo, **capaz de apresentar-se, em tempo oportuno e com valor ponderável**, em qualquer ponto ameaçado das fronteiras, porém distri-

tribuído normalmente em tal Ordem de Batalha, que evite o nascimento de inquinações internacionais.

— Ser capazes de **dispersar-se ou agrupar-se**, fazendo face às possibilidades de Guerra Atômica, ou, ainda, de, em Guerra Convencional, apresentar-se de modo condizente face à força de potência muito variada, destruindo, sumariamente, as mais fracas, e evitando, sistematicamente, as mais fortes, até envolvê-las ou desbordá-las, conseguindo supremacia pela manobra e pela chegada de novos meios.

— Admitir que, em seu conjunto, se **desdobrasse, triplicasse ou multiplicasse largamente** o efetivo inicial, enquadrando-o com facilidade e desenvolvendo-o com rapidez. Para isso, abandonar os conceitos de efetivos “de paz”, “de guerra” e “orçamentários”, concluindo por um efetivo único e sempre pronto para intervenção imediata: a mobilização para guerra multiplicaria o número de Unidades ou de Grandes Unidades, ao revés de aumentar o volume das existentes.

— Ser capazes de obviar a relativa pequena potência de fogo inicial de que poderemos dispor, pelas características de alta **mobilidade, versatilidade e flexibilidade**; de proporcionar condições de **emprego audacioso e lançamento distante**; de **ceder aos golpes** sem absorvê-los; de **deslocar-se sob qualquer tempo**; de **enquadrar reforços** com facilidade.

— Possuir **grande quantidade de armamento leve**, com particular destaque aos engenhos automáticos, rojões e granadas, distribuídos por todos os tipos de Unidades de Armas e Serviços, a fim de possibilitar a instrução realística a cerca de Guerra Insurrecional.

— Possibilitar, por sua constituição, particularmente, o desenvolvimento dos Princípios de Guerra relativos à **SIMPLICIDADE, ECONOMIA DE FÓRCAS, SURPRÊSA e MANOBRA**; a execução frequente de exercícios combinados e conjuntos, estabelecendo ligação cerrada com a Marinha e a Aeronáutica; a exaltação de todos os tipos de operações de movimento: “golpes de mão”, defesa móvel, aproveitamento de êxito, perseguição, envolvimento vertical, assalto anfíbio, etc.

— Ser contidas em áreas com cerca de **150 quilômetros de raio**, o que asseguraria:

- dispersão desejável;
- aproveitamento dos atuais quartelamentos;
- utilização de um único Campo de Instrução;
- possibilidades de manutenção fácil da ordem pública;
- auxílio econômico às pequenas cidades;
- manutenção de estímulo cívico;
- cooperação com o Governo no que se refere à colonização e vivificação de fronteiras, socorro às populações em calamidades públicas, saneamento, alfabetização, formação mais fácil, de operários especializados, manutenção ou construção de rodovias, etc.;

sem os inconvenientes da reunião típica dos “campos” e “fortes” norte-americanos, entre os quais se destaca o terrível dispêndio necessário à adoção da idéia.